

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE**

**UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE**

**CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO**

**VICTÓRIA CÂNDIDO BERTOLDO**

**ALIMENTAÇÃO EM CONFLITO: o comer em tempos de  
crise em Persépolis**

Cuité/PB

2015

VICTÓRIA CÂNDIDO BERTOLDO

**ALIMENTAÇÃO EM CONFLITO: o comer em tempos de crise em Persépolis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Orientador (a): Prof. Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva

Cuité/PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

B546a Bertoldo, Victória Cândido.

Alimentação em conflito: o comer em tempos de crise em Persépolis. / Victória Cândido Bertoldo. – Cuité: CES, 2015.

47 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2015.

Orientadora: Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva.

1. Espaço cultural alimentar. 2. Conflito. 3. Fome. 4. HQs.  
I. Título.

CDU 612.3

VICTÓRIA CÂNDIDO BERTOLDO

ALIMENTAÇÃO EM CONFLITO: o comer em tempos de crise em Persépolis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof (a). Dra. Michelle Cristine Medeiros da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande  
Orientadora

---

Prof (a). Msc (a) Poliana de Araújo Palmeira  
Universidade Federal de Campina Grande  
Membro interno

---

Prof (a). Msc (a) Ana Eliza Soares Trajano  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Membro externo

Cuité/PB

2015

## **AGRADECIMENTOS**

À professora e amiga Michelle Medeiros, por ter aceitado me orientar, não apenas no trabalho, mas em muitas outras ocasiões;

À professora Poliana Palmeira, por ter aceitado avaliar o trabalho e pelos anos de ensinamento;

À Ana Eliza Soares Trajano, por ter aceitado o convite;

Ao professor Raimundo Nonado Bertoldo e professora Oneide Cândido, ou melhor, Pain e Mainha, por tudo;

Aos meus amigos, não tenho como colocar o nome de todos, que por anos são meus psicólogos, pensionistas, patrões, pousadas e tudo mais com p.;

Á amiga Viviany Moura Chaves, pelo apoio e pela paciência;

À amiga Crislaine Marques, por me ajudar com o inglês, o português, as aulas de lógica pra concurso e de gastronomia via youtube;

Ao meu amigo Cosmo, pelas noites de discussão sobre quadrinho que acabaram levando a esse trabalho;

Ao meu Gordo, que é o meu Gordo;

A MORGAN e ao Mar del Sur, pela companhia.

**As coisas que fazemos sem luxúria  
ou ambições são as mais puras  
ações que podemos fazer.**

Alan Moore

## RESUMO

BERTOLDO, V. C. **ALIMENTAÇÃO EM CONFLITO: o comer em tempos de crise em Persépolis**. 2015. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

Persépolis narra a história de Marjane Satrapi durante a revolução iraniana ocorrida no final da década de 1970. A obra consiste em um diário ilustrado, do tipo de história em quadrinhos, que apresenta caráter autobiográfico. Persépolis, como obra literária, lança uma lupa sobre a história do Irã como um país devastado pela fome resultante de conflitos armados. Como autobiografia, esta obra conta a visão infantil de sua protagonista, cujo estilo de vida foi drasticamente modificado pela guerra. Sob o olhar da protagonista, e também autora, vários fenômenos alimentares podem ser percebidos ao longo da obra. Compreender as alterações que conflitos políticos geram no espaço social alimentar apresentados na obra Persépolis, *corpus* desta pesquisa, foi o objetivo deste trabalho. Os dois códigos utilizados na obra, linguístico e visual, foram analisados separadamente, com enfoque em trechos que abordam o tema alimentação em relação ao cenário de conflitos gerados pela revolução iraniana. Os dados verbais foram recortados em quadros sequenciais e neles foram observados elementos de interesse para a pesquisa, quanto aos dados visuais foi observada a presença de objetos, expressões faciais e corporal dos personagens. Em ambas as abordagens buscou-se dados em que o tema do Espaço Social Alimentar vigente se explicitasse. Foi elaborada uma matriz de classificação. A análise retornou os seguintes dados: (1) há no cenário de Persépolis a produção de uma fome epidêmica; (2) o conflito impõe aos sujeitos uma série de carências, onde o medo e a incerteza são motores da inapetência; (3) a experiência de estrangeiridade vivida no exílio ressaltam a nostalgia de sabores perdidos. Com este trabalho, foi possível perceber que as alterações que conflitos políticos geram no espaço social alimentar são estruturantes, apontando assim a abrangência do fenômeno alimentar em suas dimensões culturais e sociais. Além disso, destaca-se a potência da obra literária como *corpus* que possui todos os elementos cabíveis a uma análise antropológica e que comporta uma densa reflexão sobre a condição humana.

**Palavras-chaves:** Espaço Cultural Alimentar. Conflito. Fome. HQs.

## ABSTRACT

BERTOLDO, V. C. **Feeding in conflict: the eat in times of crisis in Persepolis.** 2015. 47 p. Work Completion of course (Undergraduate Nutrition) - University Federal of Campina Grande, Cuité, 2015.

Persepolis tells the story of Marjane Satrapi during the Iranian revolution occurred in the late 1970's. The work consists of an illustrated journal, a comics, which has autobiographical character. Persepolis, as a literary work, launches a magnifying glass on the history of Iran as a devastated country flap resulting hunger armed conflict. As autobiography, this book tells the child's picture of its protagonist, whose lifestyle was drastically changed by the war. Through protagonist's eyes, various food phenomena can be seen throughout the work. Understanding the changes that political conflicts generated in the food social space shown in Persepolis work corpus of this research was the objective of this work. The two codes used in the work, linguistic and visual, were analyzed separately, focusing on pages that approaches the food subject in the scenario of conflicts generated by the Iranian revolution. Verbal data were cut in sequential frames and in them were observed elements of interest to the research as to visual data was observed the presence of objects, facial expressions and body of the characters. In both approaches we sought data on the topic of Social Space Food was showed. A classification matrix was developed. The analysis returned the following data: (1) It's in Persepolis scenario the production of an epidemic hunger; (2) the conflict requires the subject a number of deficiencies, where fear and uncertainty are the engines loss of appetite; (3) the strangeness of experience lived in exile highlight the nostalgia of lost flavors. With this study, we realize that the changes that political conflicts generated in the food social space are structural, thus pointing to the scope of the food phenomenon in its cultural and social dimensions. In addition, there is the power of the literary work as a corpus that has all the appropriate elements to an anthropological analysis and incorporating a profound reflection on the human condition.

**Keywords:** Food Cultural Center. Conflict. Hunger. Comics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Guernica de Picasso.....	17
Imagem 2 - A carta, (p. 2).....	28
Imagem 3 - As joias (p.1).....	29
Imagem 4 - As jóias (p. 1).....	30
Imagem 5 - A chave, (p. 7).....	31
Imagem 6 - Persépolis, (p. 4).....	32
Imagem 7 - As ovelhas, (p. 1).....	33
Imagem 8 - As ovelhas, (p.2).....	34
Imagem 9 - As ovelhas, (p. 6).....	35
Imagem 10 - A sopa, (p, 8).....	37
Imagem 11 - A pílula, (p. 2).....	38
Imagem 12 - A pílula , (p. 2).....	39
Imagem 13 - O Cavalo, (p. 9).....	40

## **LISTA DE SIGLAS**

ESA – Espaço Social Alimentar

FAO – Food and Agriculture Organization

HQ – História em Quadrinho

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>14</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
3.1 O ESPAÇO SOCIAL ALIMENTAR COMO FORMA DE SISTEMATIZAR O ESTUDO EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA.....	15
3.2. QUADRINHOS, <i>GRAPHIC NOVEL</i> OU DIÁRIO ILUSTRADO?.....	18
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>20</b>
4.1 DESENHO DA PESQUISA.....	20
4.2 DOCUMENTAÇÃO DOS DADOS.....	20
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	21
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>23</b>
5.1 MODELIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL ALIMENTAR EM PERSÉPOLIS.....	23
5.2 COMER EM TEMPOS DE CONFLITO.....	27
5.2.1 A produção de uma fome epidêmica.....	27
5.2.2 As faltas impostas pelo conflito: o medo e a incerteza como motores da inapetência.....	31
5.2.3 Saudades do Irã e o gosto do exílio.....	35
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O nome Persépolis refere-se à forma como os gregos denominavam a antiga capital do Império Persa, “Cidade dos Persas” (*parseh + polis*) (APOLINÁRIO, 2011). A obra em análise neste trabalho também chama-se Persépolis: um diário ilustrado de Marjane Satrapi, uma iraniana que presenciou a Revolução Islâmica em seu país em 1979, bem como seus desdobramentos durante as décadas de 80 e 90 durante a República Islâmica. O fio condutor da obra é o conflito de Marjani, uma jovem moderna, filha de pais politizados, frente a um país opressor e autoritário.

Enquanto narra seus conflitos, entremeados de raiva e rebeldia, a autora deixa pistas de como a Revolução Islâmica guiou um processo de grandes transformações no seio da sociedade civil iraniana. Sabe-se que um dos sistemas que mais recebe influência de conflitos e catástrofes ambientais e civilizacionais, como as guerras, é a alimentação (CASTRO, 2006) Um relatório da *Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura*, no ano de 2014, mostra que apesar dos avanços mundiais, com relação à questão da Insegurança alimentar, persistem diferenças marcantes entre as regiões. A África Subsaariana e a Ásia Ocidental, por exemplo, são regiões que por serem afetadas por conflitos apresentam avanços muito modestos, com altos índices de subalimentação (FAO, 2014).

Sabe-se, portanto, que a alimentação sofre modificações em tempos de conflitos. Resta aqui é perguntar-se como isso acontece. Essa é uma questão de interesse para a Antropologia da alimentação, enunciada por Contreras e Gracia (2011): ela busca compreender e diagnosticar os fenômenos alimentares, descrevendo e interpretando transformações que acontecem e aconteceram e seu impacto sobre a sociedade de maneira ampla. As regras culinárias abrangem muitas respostas ao problema antropológico único e fundamental, que questiona o comer e a comida. Por trás da variedade, de fato, se esconde uma unidade (FISCHLER, 1995).

Poulain e Proença (2003, p. 251) propõem um instrumento que dá suporte ao estudo dos modelos alimentares no âmbito da Antropologia da alimentação. Denominam-no de *espaço social alimentar*: “um objeto sociológico total no sentido Maussiniano do termo; quer dizer que “coloca em movimento”[...] a totalidade da

sociedade e de suas instituições.”; e destacam nele seis dimensões: o comestível, a produção alimentar, o culinário, os hábitos de consumo alimentar, a temporalidade e as diferenciações sociais.

Com este trabalho, portanto, busca-se compreender as alterações que conflitos políticos geram no *espaço social alimentar* apresentado na obra Persépolis. Espera-se que este trabalho possa apontar algumas possibilidades de diálogo entre a Nutrição e as Ciências Sociais, problematizando, ainda, a possibilidade de tomar a obra de arte, neste caso a literatura em quadrinhos, como *corpus* de pesquisa onde habita uma reflexão sobre a condição humana na sociedade atual (MORIN, 2003).

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as alterações que conflitos políticos geram no *espaço social alimentar* apresentados na obra *Persépolis*.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2.2.1 Elencar aspectos do *espaço social alimentar* na obra em questão;

2.2.2 Modelizar o *espaço social alimentar* em *Persépolis* em tempos de conflitos;

2.2.3 Conhecer que os efeitos das alterações no contexto do exílio, fruto da Revolução Islâmica.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1. O *ESPAÇO SOCIAL ALIMENTAR* COMO FORMA DE SISTEMATIZAR O ESTUDO EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA

Dentre as intersecções na vida dos humanos, o que há de mais comum é que precisamos comer e beber para viver, biológica e culturalmente (SIMMEL, 2004). Segundo Maciel (2005), a alimentação humana como um ato social e cultural faz com que sejam produzidos diversos sistemas alimentares. Na constituição desses sistemas, intervêm fatores de ordem ecológica, histórica, cultural, social e econômica que implicam representações e imaginários sociais envolvendo escolhas e classificações. Estando a alimentação humana impregnada pela cultura, é possível pensar os sistemas alimentares também como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes atuando no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (DOUGLAS, 1982; 2002).

A alimentação é, de fato, uma função biológica vital e ao mesmo tempo uma função social essencial. Suas inúmeras facetas se ordenam por duas dimensões, pelo menos. A primeira se estende do biológico ao cultural, da função nutritiva à função simbólica. A segunda, do indivíduo ao coletivo, do psicológico ao social. O homem biológico e o homem social, a fisiologia e o imaginário, estão perto e misteriosamente misturados no ato alimentar (FISCHLER, 1995).

Estudar um fenômeno multidimensional, complexo e com múltiplos acessos demanda a construção de um referencial epistemológico que abarque estes pressupostos. A ideia de *espaço social alimentar*, de Poulain e Proença (2003), busca contemplar esta lacuna, funcionando como um instrumento que assinala a conexão bioantropológica do estudo de fenômenos alimentares. A ideia deriva do conceito de *espaço social* de George Condôminas que busca “compreender as inter-relações entre um grupamento humano e o seu meio [e] encontra na alimentação um campo de aplicação particularmente fecundo” (POULAIN; PROENÇA, 2003, p. 245).

Em se tratando da questão de conflitos alimentares, a conexão entre o homem e o seu meio, ou seja, seu espaço, torna-se essencial para compreender as mudanças que ocorrem nos modelos alimentares. A definição de uma refeição, sua

organização estrutural, a forma da jornada alimentar (número de refeições, formas, horários, contextos sociais), as modalidades de consumo (comer com garfo e faca, com a mão, com o pão), a localização das refeições, as regras de localização dos comensais, o uso de bebidas alcoólicas, e outros aspectos variam de uma cultura à outra e no interior de uma mesma cultura, de acordo com os grupos sociais (POULAIN; PROENÇA, 2003).

Mas, o que pode ser definido como cultural? Taillard (2002) a refere como a articulação entre os diferentes níveis da realidade social, formando um sistema dinâmico e em transformação. Essa ideia aproxima-se, em alguns aspectos, do conceito de cultura do antropólogo Claude Lévi-Strauss (2003), que a compreende como processo: a cultura não é só aquela que estabelece a ordem, existem os processos de rebelião que a colocam em movimento. Referindo-se ao conceito de cultura levistraussiano o sociólogo Zygmunt Bauman (1998) afirma que a cultura não é senão uma atividade perpétua e a “estrutura” não é senão a constante manipulação de possibilidades. A cultura é, portanto, um código de práticas e ideias que se localiza entre a tradição e a inovação.

Assim sendo, a forma como vivenciamos o fenômeno alimentar, por meio o grupo ou de maneira individual, guarda um pouco da tradição transmitida, mas também cria novas possibilidades que movimentam sua dimensão cultural. Um claro exemplo desta afirmação é a obra publicada por MK Fisher intitulada *Como cozinhar um Lobo*. O livro teve sua primeira edição publicada em 1942, quando se vivia o pior momento da escassez em tempos de guerra. Era um “auxiliar e companheiro indispensável das senhoras” de famílias abastadas que em tempos de racionamento alimentar encontravam estratégias para alimentarem-se com dignidade, prazer, elegância e criatividade. (FISHER, 1998, p. 9) Um conflito político que acaba por imprimir um novo modo de operar um sistema culinário e que, em muitos casos, deixa marcas perpétuas nas culturas alimentares onde se inserem: o caso da (ainda atual) sacralidade do pão no território espanhol, após o cenário de penúria vivida na Guerra Civil, é exemplar neste sentido (YUBERO, 2003). O gesto sagrado de beijar o pão que cai no chão para não deixar de consumi-lo é uma das marcas deste período.

**Imagem 1** - Guernica de Picasso.



**Fonte:** Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (site)

Portanto, a cozinha de um grupo é muito mais do que um somatório de pratos considerados característicos ou emblemáticos. É um conjunto de elementos referenciados na tradição e articulados no sentido de constituí-la como algo particular, singular, reconhecível ante outras cozinhas e ante outros momentos da mesma cultura. Ela não pode ser reduzida a um inventário, convertida em fórmulas ou combinações de elementos cristalizados no tempo e no espaço. (MACIEL, 2005) Por isso, o *espaço social alimentar* surge como um instrumento valioso para auxiliar na captura deste fenômeno, que pode ser observado em uma diversidade de campos.

Se, assim como Lévi-Strauss (1989, p. 42), assume-se a obra de arte como modelo reduzido para compreensão da cultura, pode-se tomá-la como campo de investigação. A obra de arte, para o antropólogo, trabalha em escala reduzida. Por isso, “existe no modelo reduzido não uma simples cópia do objeto, mas uma construção, uma produção do artista, que apreende em si um modo de fabricação, uma linguagem, uma religião, um modo de operar contratos matrimoniais e troca de bens.” Assim sendo, tomar a literatura como campo de investigação oferece a possibilidade de se conhecer uma narrativa a partir de uma perspectiva na qual a fragmentação dê espaço a uma visão ampliada da questão cultural. Aqui a análise da questão alimentar em tempos de conflito tomou como base a obra *Persépolis*. Uma obra de quadrinhos, *graphic novel* ou diário ilustrado?

### 3.2. QUADRINHOS, *GRAPHIC NOVEL* OU DIÁRIO ILUSTRADO?

História em quadrinhos (HQs) é definida como uma forma de arte que combina imagem e texto que, através do encadeamento de quadros, narra uma história ou ilustra uma situação, utilizando-se da combinação de textos e desenhos para contar uma história (SILVA, 2001). Ainda que seja considerada por muitos como literatura inferior, muitos HQs “funcionam como uma provocação ao leitor, levando-o a constituir novos sentidos e, conseqüentemente, crescer como ser humano.” (AGUIAR, 2008, p. 24) Utilizando-se do dizer deleuziano, pode-se dizer que a literatura é uma máquina que produz verdades - a partir de nossas impressões, aprofundada em nossa vida - manifestada em uma obra. Tais verdades alimentam a si mesmo (o escritor) e aqueles que dela se servem como instrumento (o leitor) (DELEUZE, 2010). A obra de Satrapi, guarda uma profunda reflexão sobre a condição humana quanto, por exemplo, ao valor e o preço da liberdade, à igualdade de gêneros, à discriminação. Assim, certamente funciona “instrumento óptico oferecido ao leitor” que o auxilia a “discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo (PROUST, 2013).

Já o conceito de *graphic novel* se popularizou no meio quadrinístico como aquele que se refere às obras de características autorais e de melhor qualidade no conteúdo e na encadernação. Diversas editoras começaram a compilar em uma única encadernação histórias que antes eram publicadas serialmente e lhes atribuíram a classificação de *graphic novel* (COSTA, 2012). Inicialmente, a nomenclatura *graphic novel* foi usada por Will Eisner, que aplicou o termo para diferenciar o seu trabalho dos tradicionais *Comics*, nome dado às revistas em quadrinhos nos Estados Unidos. Atualmente a denominação é utilizada em obras mais complexa que os quadrinhos infanto-juvenis, com roteiro mais elaborado direcionado a um público adulto, de caráter autoral e com a preocupação em constituir-se com obra literária. (TEIXEIRA E CORREA, 2009).

A obra *Persépolis* guarda muitas das características de uma *graphic novel*. Todavia, preferiu-se denominá-la aqui como um diário ilustrado. Por quê? Assim como Gallardo, em *Um longo Silêncio*, e Spiegelman, em *Maus: a história de um sobrevivente*, Marjane é em *Persépolis* não apenas uma personagem. Ela relata por

meio da escrita e das ilustrações, suas emoções, histórias e a cultura de seu povo, dando à obra um caráter autobiográfico.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1. DESENHO DA PESQUISA

Tratou-se de uma pesquisa de análise documental, tipo exploratória. O *corpus* da pesquisa foi a obra *Persépolis*, Marjane Satrapi. O critério de seleção da obra foi intencional. Levou-se em conta a relevância de seu conteúdo para o tema estudado, pois além de trazer à tona um quadro bem definido de conflito político, abordando uma perspectiva sobre temas muitas vezes incompreendidos no Ocidente - como a situação política do Irã e o islamismo (MARRA, 2014) - trata-se de uma obra contemporânea, que auxilia na compreensão da questão em sua articulação com o espírito do tempo.

### 4.2. DOCUMENTAÇÃO DOS DADOS

Foram empreendida seis leituras flutuantes da obra integral com o objetivo de realizar um reconhecimento inicial do *corpus*. Em seguida, foi elaborada uma matriz de classificação para apoiar o trabalho de documentação de dados. A construção da matriz tomou como ponto de partida as dimensões que delineiam o *espaço social alimentar* (POULAIN; PROENÇA; 2003). Assim sendo, a matriz apresenta a seguinte forma.

**Tabela 1 – Classificação dos recortes da obra**

OBRA			
Capítulo	Página	Texto	Imagem

**Tabela 2 – Categorização dos recortes segundo ESA**

ESPAÇO SOCIAL ALIMENTAR					
Comestível	Aquisição	Culinário	Hábito	Temporalidade	Classe Social

Leituras sucessivas da obra foram empreendidas com o fim de preencher a matriz. Em cada leitura eram destacados fragmentos que pudessem servir para delinear o *espaço social alimentar* em questão, bem como os câmbios, que a obra deixava entrever, no durante e pós Revolução Islâmica. Em seguida, os fragmentos foram sendo lançados na matriz.

Nos quadrinhos se observa a utilização de dois códigos: o linguístico e o das imagens. Estes podem ser analiticamente separados mas são complementares para a leitura dos HQs, mesmo que em alguns momentos pode haver predominância de uma ou outra linguagem (SILVA, 2001). Eisner (1989) reafirma a relevância dos dois códigos no trabalho com HQs.

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavras e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente (EISNER, 1989, p.8).

Portanto, as possibilidades de narrativa são limitadas, quando trabalha-se com apenas uma dessas dimensões (LANGIE, 2011). Considerando a importância delas (visual e verbal) para o processo de análise, a matriz elaborada contemplou espaços para a documentação de ambos os materiais.

Além disso, durante o preenchimento da matriz, procedeu-se a identificação dos personagens, sempre que possível, principalmente na presença de vários diálogos, com ressalva aos monólogos da protagonista, os quais foram interpretados como pensamentos e sinalizados como tal.

A obra não contém número de páginas. Para facilitar, portanto, a localização dos fragmentos interpostos na matriz, procedeu-se da seguinte maneira: após a indicação do trecho, colocava-se o título da seção do HQs e a página corresponde à referida seção.

#### 4.3. ANÁLISE DOS DADOS

Com a matriz consolidada, o processo de análise foi iniciado. A matriz foi afixada em um lugar visível para o pesquisador para que sempre pudesse visualizá-la e, assim, se sentisse mais próximo e familiarizado com os dados a serem lidos.

Conforme já comentado, a análise em conjunto de desenho e roteiro se faz necessária sempre que estes elementos se completarem para definir o contexto estudado. Todavia, por serem materiais diferentes, texto e imagem necessitaram de tratamentos analíticos específicos.

O material verbal foi analisado segundo a proposta de análise de conteúdo. Bardin (1977), autora da metodologia, sugere que três fases compõem este tipo de análise: (1) *Pré-análise*: fase de realização do primeiro contato com o material feito através da leitura flutuante, que foi realizada neste trabalho ainda durante a fase de documentação, conforme descrito anteriormente; (2) *exploração do material*: momento em que as unidades de análise são elucidadas, bem como enumeração e classificação dos dados em categorias. Nesta fase foi possível iniciar uma busca por um padrão nos dados, no que diz respeito a uma modelização do *espaço social alimentar*; e, por fim, o (3) *tratamento dos dados, inferência e interpretação*: fase em que se pretende dar significância aos dados, a partir da produção de quadros, gráficos, diagramas e figuras que objetivem o destaque das informações obtidas. Neste último momento o essencial foi a produção de sínteses que buscavam responder à questão inicial levantada nesta investigação.

Para análise do material visual foi utilizada a técnica de análise semiótica de imagens paradas (PENN, 2003), que envolveu: (1) a eleição das imagens de interesse para a investigação; (2) a descrição dos elementos presentes nas imagens, sendo observados a presença de objetos, expressão facial e corporal dos personagens; (3) a elaboração de uma descrição conotativa, momento no qual a análise pode valer-se de conhecimentos culturais específicos, analogias, associações e comparações. O valor dado à análise das imagens neste trabalho parte do princípio de que o desenho é uma manifestação gráfica elaborada por um ilustrador. Os desenhos são, portanto, muito mais que ícones realistas ou de representação da realidade, são frutos de processo de criação, onde o artista inventa, cria o novo, produzindo assim, obra de arte (D'AVILA, 2012).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 MODELIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL ALIMENTAR EM PERSÉPOLIS

Um modelo alimentar é um conjunto de conhecimentos que agrega múltiplas experiências realizadas sob a forma de acertos e de erros pela comunidade humana. Esse modelo se apresenta sob uma série de categorias encaixadas, imbricadas, as quais são cotidianamente utilizadas pelos membros de uma sociedade, sem que os mesmos tenham verdadeiramente consciência, pois tal encadeamento ocorre de maneira implícita (POULAIN; PROENÇA, 2003). Assim sendo, a modelização do *espaço social alimentar* em *Persépolis* pode ser elaborada da seguinte maneira.

#### a) o comestível

Satrapi nos dá uma visão clara do comestível em *Persépolis*, em um Irã igualmente tradicional e moderno. Durante sua infância a comida esteve ligada a festividades como em *O véu* (p. 5), onde sua família comemora o Noruz, celebração Zoroastro, na qual comem-se maçãs, brotos e pães; ou ligada ao afeto como quando em Moscou (p.5), a jovem Satrapi prepara chocolate para seu tio (Anuch). Mesmo diante da guerra, os gêneros alimentícios (apesar de escassos) apresentam-se no cotidiano familiar, como em *As joias* (p.6), onde ao fazer comprar com sua mãe, Satrapi comenta “Olha, ainda tem feijão vermelho. Dá pra fazer um *chili* hoje à noite.” No contexto histórico da obra o conflito nos apresenta limitações no âmbito do comestível pela diminuição na variedade e quantidade de gêneros alimentícios. Fischler (1995), aponta que a escassez é muitas vezes o motor da neofilia: a falta faz com que nações incorporem ao seu repertório alimentos antes tidos como culturalmente não comestíveis. Contudo, é visto em *Persépolis* novos produtos não foram incorporados. O efeito no caso da família de Marjane foi no âmbito da diminuição da quantidade, o que já poderia *configurar um quadro de Insegurança alimentar e nutricional moderado*. (BURLANDY; COSTA, 2007)

#### b) a produção alimentar

Infere-se que a diminuição na quantidade de alimentos na mesa de uma família de condição sócio-econômica privilegiada seja fruto da *diminuição da produção alimentar no contexto do país*. A diminuição da produção de alimentos no contexto da guerra é um cenário habitual no âmbito de conflitos, como pode ser observado em publicação da *Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação* (1923). Todavia, há em *Persépolis* uma questão singular na qual se destaca a produção alimentar: as bebidas alcoólicas. Com a proibição do consumo de bebidas alcoólicas pelo estado islâmico, *a produção desse passa a ser feita no âmbito artesanal e de maneira ilegal*, como visto em *O vinho* (p.4): “meu tio era o fornecedor de vinho. Tinha montado um verdadeiro laboratório de vinificação no porão da casa dele. A dona Nasrin, que trabalhava também pra ele, era quem esmagava as uvas.” O aumento do consumo do álcool em cenário de conflitos, como também em contextos de proibição, é relatado por autores como Froud et al. (2014), em estudo sobre os atuais conflitos na Geórgia. Já autores como Wallace e Roberts (2013), sugerem que o ambiente pós-conflito colaboram para o desenvolvimento de políticas conservadoras, como as de restrição de álcool. Essas medidas, segundo Radaev (2015), podem aquecer o consumo de álcool produzido em âmbito doméstico, como observou no contexto da Rússia.

### c) o culinário

O culinário em *Persépolis* aponta para *transformações simples e rápidas*, ainda que feitas com esmero. As descrições apontam, sobretudo, para as bebidas. Em *Esqui* (p. 1), o sentimento de compaixão destaca-se através do cuidado na oferta de chá, “Oh, querida! Você passou maus bocados... toma aqui este chazinho.”, “Suco de laranja, eu mesmo espremi, agorinha.” A *simplicidade* dos alimentos e das ofertas, nestes casos, não relaciona-se com o *simplório*. Há sempre um desvelo e cuidado próprios ao saber culinário. Os personagens parecem obedecer à máxima de Mia Couto, em o *Fio das Missangas*, que defende que cozinhar é um modo de amar os outros (COUTO, 2009). MFK Fisher em *Como cozinhar um lobo*, também destaca a importância do *zelo no preparo dos alimentos, mesmo no contexto de guerra*. Ela, por exemplo, fala da importância de se ferver a água próximo ao tempo de servir o chá, para que esse não tenha saber desagradável de água velha (FISHER, 1998).

d) os hábitos de consumo alimentar

Em *Persépolis* fica explícita a ligação da personagem com o ambiente familiar: as refeições (a maioria das vezes o jantar) são servidas com todos à mesa, seguida por discussões normalmente com teor político, como visto em *Moscou* (p.1): “...e eu tinha um herói na família... nem preciso dizer que gostei na hora”. A *manutenção do rito de comensalidade em tempos de escassez* ou de distanciamento do alimento, é algo retratado por Medeiros (2009). A comensalidade é “é claramente um rito de agregação [...] que foi chamado [de] um ‘sacramento de comunhão’.” (VAN GENNEP, 1977, p.43) Um outro ponto a ser observado é a diferença nos costumes à mesa entre os ambientes familiar e de exílio, em destaque no capítulo *O macarrão* (p.5). Satrapi, já exilada e fora de seu ambiente doméstico, é advertida pela Madre superiora por comer o alimento diretamente da panela. Satrapi argumenta sua atitude: “Mas, aqui, todo mundo assiste TV comendo”. A Madre retruca: “mas não numa panela! que modos são esses?”. A televisão no contexto da refeição, em um *comer solitário fruto da condição de exilada, parece comprometer tanto a sociabilidade como a ritualização alimentar*. A relação entre televisão e desritualização das refeições é apontada por autores como Castro e Abdala (2011).

e) a temporalidade

Satrapi inicia sua história em *O véu* (p.1) com a seguinte frase “Essa sou eu, com 10 anos de idade, em 1980.” Ao começar seu relato de forma datada, ela nos prepara para seguir por uma longa jornada que iria de sua infância ao início de sua idade adulta, jornada a qual inicia-se e finda envolta em por conflitos de ordem política. Percebe-se na sua infância características implícitas a essa fase como o orgulho pela história de sua nação e energia para questionar tudo que discorda. Em sua adolescência destaca-se a rebeldia. Em *O cigarro* (p.7.), essa fase é descrita: “Quando a mim, selei meu ato de rebeldia contra a ditadura da minha mãe fumando o cigarro que tinha roubado do meu primo 2 meses antes. Não achei exatamente bom, mas não era hora de entregar os pontos. Agora eu tinha crescido”. Ao fim de sua história mostra uma Marjane Satrapi que, assim como seu país, amadureceu em meio a conflitos. O maior traço temporal que pode ser observado em termos de

alimentação refere-se ao cenário Irã-Exílio. Observando-se no período de exílio a predominância de um aborrecedor comer solitário (PELBART, 2014) conforme já mencionado, a nostalgia dos alimentos de sua terra, como também o momento de aprendizagem de um novo gosto, o gosto da nova terra (BIELOUS, 2010).

f) as diferenciações sociais

A autora questiona a diferença entre as classes sociais, inicialmente na infância. Por exemplo, em *O véu* (p.4), lê-se: "Porque a empregada não comia na mesa com a gente [...]", e demonstra ao longo de toda a obra sua preocupação com as desigualdade. Em outro momento em *A carta* (p.5). ao não entender o porque da empregada não poder namorar o filho do vizinho indaga ao pai "Ohh! Mas ela não tem culpa de ter nascido onde nasceu? Pai! Você é a favor ou contra as classes sociais?. Quando entrei no quarto da Mehri, ela estava chorando...a gente não estava na mesma classe social, mas pelo menos estava na mesma cama". Esta não parece ser uma variação que se relaciona diretamente com conflitos. Medeiros (2011; 2014) estudando a relação entre patrões e empregados em famílias abastadas percebe este comportamento de apartar à mesa o diferente.

\*\*\*

Em toda sua jornada Satrapi através de suas memórias, guia o leitor a mundo onde sua expressão de sociedade está constantemente ligada ao emocional. Sua concepção de comunidade está sempre ligada por laços de afeto. Neste contexto, a comida tem a função de aliança entre a autora e sua comunidade, tornando o comer um nó que a une em seu meio social. Alguns desses elementos que modificam-se na alimentação no cenário dos conflitos serão desenvolvidos na seção a seguir.

## 5.2. COMER EM TEMPOS DE CONFLITO

### 5.2.1. A produção de uma fome epidêmica

A fome, em seus diversos aspectos, apresenta-se em *Persépolis* como reflexo dos conflitos pessoais da autora e conflitos externos. Nesse último podemos enxergar o impacto de confrontos armados sobre da alimentação de uma população.

Fome é definida como a privação do direito à segurança alimentar e nutricional (SAN).<sup>1</sup> O tipo de fome que desvela-se na obra pode ser caracterizada como fome epidêmica (CASTRO, 2006). Nesta, mesmo na certeza de sua temporalidade, não é possível estimar duração do período de privação. Segundo o autor, as epidemias de fome não se limitam aos aspectos discretos e toleráveis das fomes parciais, das carências específicas. São epidemias de fome global quantitativas e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda e atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eitos, homens, mulheres e crianças, todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas.

---

<sup>1</sup> A questão alimentar e nutricional está relacionada com diferentes interesses e diversos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, sendo representada por múltiplas singularidades. O conceito de SAN evoluiu com o decorrer dos tempos para abranger tais questões. “A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis” (BRASIL, 2006). A insegurança alimentar e nutricional se instaura quando o sujeito ou o coletivo é privado de qualquer um desses elementos.

**Imagem 2** - A carta, (p. 2): Marjane e sua mãe buscam suprimentos alimentares.



**Fonte:** dados da pesquisa.

A fome que vemos em *Persépolis* não é provinda da seca ou de catástrofes naturais, e sim das guerras. A região, antigamente chamada Pérsia, conhecida hoje como Irã teve sua história marcada por conflitos armados e invasões estrangeiras. A fome indistinta descrita por Josué de Castro, foi vista por Satrapi e descrita em seu diário ilustrado. Principalmente mostrando o impacto das mudanças no regime político na história da sua família.

Em *As Joias* (p.1), a autora mostra seu ponto de vista e imprime ao descrever nos diálogos a relançam da guerra sobre a carência alimentar da população. “A guerra começou pra valer”, com esta frase junto às prateleiras vazias observa-se o real significado do conflito. Neste cenário, mesmo as famílias de classe alta, são submetidas a escassez e a fome. Segundo Grada (2009) as maiores fomes do século XX foram ligadas a conflito civil e da guerra, onde a ação humana tem efeitos mais deletérios do que ações da natureza, em muitos casos. Destaca-se a importância dos fatores-político na disponibilidade de alimentos. A ênfase desse panorama e observada na Imagem 2. *As Joias* (p.1).

**Imagem 3** - As joias (p.1): Marjane comprando alimentos com a mãe.



**Fonte:** dados da pesquisa

“É só as lojas ficarem vazias por um dia, que vocês quase se devoram. E se dizem “gente civilizada[...]”, diz a personagem ao criticar o comportamento da população frente à escassez. A inserção da classes altas, antes alheia à questão da insegurança alimentar e nutricional do país, mostra a extensão com que a fome epidêmica se apresenta. Em *Como Cozinhar um Lobo*, Fisher (1988, p.89) descreve figurativamente essa situação ao dizer que “o lobo fincou firmemente uma pata no que parece ser uma rachadura crescente na porta.”, deixando claro que a fome é uma realidade, apenas potencializada pelo cenário do conflito, e vivida na sua dimensão endêmica pelas pessoas em situação de maior vulnerabilidade social mesmo em ausência de conflitos.

Esse quadro é comum em países permeados por conflitos armados. Em comparativo com dados oficiais, relatórios feitos por médicos sem fronteira na Líberia, mostram, uma situação de fome em 30 aldeias ao redor da linha de frente de um grupo de 2.280 crianças menores de 5 anos: 35% sofriam de kwashiorkor grave (GODLEE, 1993). O mesmo documento também mostra que a guerra é o principal fator que leva instalação da citação de fome epidêmica nos países em conflitos e que os embargos à ajuda internacional colaboram para o agravamento do quadro (GODLEE, 1993).

Se a fome e a insegurança com o futuro atinge as classes sociais altas durante a guerra, as classes mais baixas sofrem com as mazelas do conflito com

antecipação. Mesmo antes da guerra declarada, famílias pobres eram torturadas pela falta de alimento durante as revoluções.

**Imagem 4** - As jóias (p. 1): Mehri se despede dos pais.



**Fonte:** dados da pesquisa.

Por meio da suplica dos pais de Mehri, "temos filhos demais, senhor! Com ela, são 14 ou 15" [...] "Na casa de vocês ela vai comer bem.", é possível observar a dimensão de iniquidade social instaurada pela conflito: em virtude do quadro de fome, os pais de Mehri são obrigados a entregar sua filha para adoção. Já não tinham condição de sustentá-la. A insegurança alimentar e nutricional, entre esses sujeitos com condição socioeconômica já comprometida previamente ao conflito, é grave: a fome atinge as crianças. (BURLANDY; COSTA, 2007)

Um detalhe importante a destacar: neste cenário de escassez, a promessa religiosa de uma nova ordem, ganha relevo. No capítulo *A chave* (p.7), a obra nos apresenta os contornos da guerra e Satrapi cita uma passagem da infância, quando presencia a agonia de Dona Nasrin, que relata o medo de perder o filho para guerra: "Disseram pra ele que no paraíso tem comida à vontade, mulheres, casas de ouro e diamante". As promessas vinculadas à propaganda de guerra, especialmente as que se referem ao paraíso islâmico, são recompensa pela morte na guerra religiosa e justificam um presente recoberto de fome e miséria (PIERUCCI, 2002).

**Imagem 5** - A chave, (p. 7): Nasrin teme perder filho na guerra.



**Fonte:** dados da pesquisa.

Vislumbrar um futuro ou mesmo uma recompensa são os principais motivos que levam ao alistamento dos jovens soldados, muitas vezes em fuga de uma situação de miséria. Tática semelhante, evidentemente com a promessa de uma paraíso cristão, foi utilizada durante a Guerra do Paraguai, onde crianças, em sua maioria meninos de rua, se expuseram à morte em combate. Sob o ponto de vista do jovem soldado, em grande parte recrutas inexperientes, pobres, despreparados, transformados em guerreiros e que sozinhos tiveram que lutar pela sua própria sobrevivência, a falta de opções era a principal motivação. A fome, durante o período de guerra, ajuda a compor o pano de fundo essencial para a compreensão da experiência do soldado (DOURADO, 2010).

Tratando-se de um diário ilustrado, *Persépolis* expõe suas experiências, trazendo em nuances aspectos que retratam a fome epidêmica como colateral do conflito. Por muitas vezes esquecido ou mascarado pelas perdas em combate.

### **5.2.2. As faltas impostas pelo conflito: o medo e a incerteza como motores da inapetência**

Em *Persépolis*, é possível ver a ligação da autora com sua obra. Não somente pela expressão de suas singularidades (a autobiografia presente no diário) mas, sobretudo, pela sua experiência coletiva enquanto iraniana, momento em que preenche as condições de um agenciamento coletivo de enunciação: “o que ele diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo.” (DELEUZE, 1975, p. 39)

Barthes (1977) concorda com esta perspectiva e destaca que o autor ao produzir uma obra se desloca de si e passa vivenciar o outro. Satrapi ao trazer à tona a sua experiência singular, produz, ao mesmo tempo, uma enunciação coletiva de desespero de todo um país advindo de uma guerra, de mulheres assoladas por um ideal machista, de um povo que sentia fome, um povo que sofria com medo. As marcas do conflito são observadas principalmente em seus desenhos. No primeiro recorte a seguir (Imagem 7), por exemplo, é possível perceber tais marcas pela forma abatida como são retratados os personagens.

**Imagem 6** - *Persépolis*, (p. 4): Família à espera de notícias.



**Fonte:** dados da pesquisa.

A apatia reflete o sentimento do povo e o medo iminente da perda: fosse pela prisão ou pela morte. “Então a gente ficou horas esperando... o silêncio era igual ao de antes de uma tempestade.”, a espera referida no diálogo muitas vezes era incerta, esperava-se por notícias sem saber se essas seriam boas ou más. “A literatura tem descrito há centenas de anos a noção de trauma e as reações

psicológicas a situações traumáticas”, como por exemplo conflitos armados (OLIVEIRA, 2008, p. 4).

Esse sentimento de vacuidade também é retratado na obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, que localiza parte da sua narrativa no período da Primeira Guerra Mundial. A guerra traz à tona miséria, sangue, conflitos. A guerra transformou a proustiana Combray em um campo de batalha, sua igreja, seus vitrais todos destruídos. Portanto, além das faltas materiais, sumariamente digestivas, o regime de carências apresentados na obra produz literatura: “A dor nos servirá de incentivo. A imaginação e o pensamento serão máquinas em si mesmas admiráveis, mas podem ficar inertes. E o sofrimento as põe em movimento”. (PROUST, 2013, p. 254)

Marjane, igualmente, produz, como resultado dessa dor, obra de arte. O desejo de dar vazão a esses signos da vacuidade trazidos à tona pela guerra ficam evidentes nas expressões melancólicas de seus personagens, bem como na mudança em seus cenários: com tons mais escuros e poucos objetos de decoração (Imagens 6 e 7). Quanto aos alimentos, percebe-se uma preponderância das bebidas (chá ou vinho) frente às comidas, como pode ser visto, por exemplo, na Imagem 6.

**Imagem 7** - As ovelhas, (p. 1): Familiares debatem sobre a guerra.



**Fonte:** dados da pesquisa.

**Imagem 8** - As ovelhas, (p.2): Marjane despede-se de amigo que viaja para exterior.



Fonte: dados da pesquisa.

A obra reveste-se, portanto, de dois tipos de escassez: a de alimentos e a de Sentido. A busca por Sentido refere-se à desconstrução dos signos trazidos pela guerra, envolve uma busca com o fim de desfazer o emaranhado de forças que há em seu redor, um movimento para inventar novas possibilidades de vida. Na busca por este Sentido, Deleuze e Guattari (2003) mostram que a boca, que encontra sua territorialidade primitiva nos alimentos (órgão dos sentidos), desterritorializa-se, jejua, e busca reterritorializar-se em torno de um Sentido (órgão de Sentido).

Satrapi projeta a melancolia e a inapetência de seus traços, descrevendo em seus desenhos o que sua boca guarda: a tristeza de seu povo e os pavores da guerra. Isso pode ser percebido na Imagem 8: mesmo não sabendo da origem, o distanciamento do tio (Anuch) trouxe a Satrapi um sentimento de inapetência vindo do desgosto pela partida e do medo pelo real motivo de sua ida.

**Imagem 9** - As ovelhas, (p. 6): Partida do tio deixa Marjane desolada.



Fonte: dados da pesquisa.

Assim sendo, como nos mostra Medeiros (2014, p. 76):

a guerra é mais um dos eventos que obriga o homem a voltar seu olhar abaixo do perímetro ocular e a perceber o que se passa ao seu redor, voltar-se à Terra: "onde é que a Terra vai buscar esta comida"? Ricos e pobres, soldados e cocotes, burgueses, povo e aristocracia: não há Deus. Os alimentos faltam, os ricos racionam, o povo chega à miséria.

Essa é a mensagem que Satrapi deixa em *Persépolis*: as faltas impostas pelo conflito transcendem as faltas materiais de alimentos e produzem até mesmo a inapetência, onde as dores produzidas pelo conflito transformam-se em motores de uma busca por Sentido.

### 5.2.3. Saudades do Irã e o gosto do exílio

*Persépolis*, possui em sua narrativa, o tom romântico ao falar do Irã. Satrapi busca contar para o mundo ocidental como é a verdadeira vida no Irã e tropeça em si mesma e em seus fragmentos de identidade para recompô-los em um livro que, como ela mesma diz, é também uma posição diante da vida.

A saudade do Irã não conota exclusivamente as lembranças marcantes, mas reporta a ideia de Amon e Menasche (2008) que é na comida de todo dia, através dos rituais de preparo, ingredientes habituais e os temperos que sentidos antigos podem ser negociados e novos sentidos são absorvidos. É no cotidiano que podemos notar a fluidez de fronteiras no contorno de uma comunidade. Foi na ausência de sua antiga rotina que Satrapi veio a incorporar novas formas de ver o comer, construindo uma apreciação da nostalgia pelos sabores de sua terra.

Exatamente como a linguagem, a cozinha contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e das identidades de grupo. Constitui, assim, um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação: não apenas é instrumento de identidade cultural, mas talvez seja o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas. (MONTANARI, 2009, p. 21)

Montanari (2009) defende a comida como veículo de auto-representação e de troca cultural como, possivelmente, mais forte do que o idioma. Uma experiência de exílio, além de comprometer o componente da sociabilidade, conforme comentado, contribui para negociar sabores de sua tradição, o que movimenta o sentimento de nostalgia, e para a incorporação de novos sabores, o que pode imputar ao sujeito os sentidos de um novo pertencimento, como mostra Montanari, uma forma de entrar em contato com o diferente.

Satrapi corrobora com essas afirmativas ao descrever seu primeiro contato com a cultura europeia, ao conhecer Lucia sua companheira de quarto austríaca.

**Imagem 10** - A sopa, (p, 8): Primeiro contato de Lucia e Marjane.



**Fonte:** dados da pesquisa.

“Dei a ela uns pistaches que eu tinha trazido [...]. É uma especialidade do país, nos damos de presente quando alguém viaja para o exterior.” Bem mais do que a palavra, a comida auxilia na intermediação entre culturas diferentes, abrindo os sistemas culinários a todas as formas de invenções, cruzamentos e contaminações (MONTANARI, 2009). “A Lucia, por sua vez, fez uma sopa de Knorr para mim. Creme de cogumelos.”

Não só Montanari (2009), mas estudiosos como Lévi-Strauss (2006), Roland Barthes (1961) e Mary Douglas (1982) partiram de uma analogia da comida com o sistema linguístico, indagando-se sobre as convenções e regras que regem os modos como os itens de comida, concebidos como signos em um sistema, são categorizados e combinados (AMON; MENASCHE, 2008).

**Imagem 11** - A pílula, (p. 2): Armelle e Marjane conversam sobre cultura iraniana.



**Fonte:** dados da pesquisa.

A comida é concebida como manifestação de uma estrutura subjacente, que pode ser apreendida, conduzindo ao conhecimento de características de uma sociedade (AMON E MENASCHE, 2008). Assim como se aprende um idioma é possível aprender um gosto. E é assim que Marjane caminha em sua aprendizagem como exilada.

Satrapi expõe estereótipo europeu já existente de um signo da cultura árabe em seu diálogo com Armelle, “Claro, como eu sou boba, o chá, a Índia, a Pérsia, a Rússia, o Samovar...”, a associação do chá às especiarias vindas de países do oriente. Se por um lado vive essas experiências que misturam estereótipos e preconceitos, tão comuns à visão do Ocidente sobre o Oriente (GUEDES; DIAS; SOUSA, 2011; MARIN, 1997), Satrapi busca a memória de seu país por meio de conhecidos no cenário do exílio, como no caso de Armelle. O contato com o povo iraniano, fez com que Armelle compreende-se o sentimento de Satrapi em relação a sua nação.

**Imagem 12** - A pílula, (p. 2): Conversas na hora do chá.



**Fonte:** dados da pesquisa.

Um outro momento crucial para amainar as penas da saudade do exílio era o contato com a comida de sua terra preparada pelas mãos de sua mãe. “Passei 27 dias ao lado dela. Saboreei, a comida celestial do meu país, preparada pela minha mãe. Era bem diferente de macarrão”. Neste cenário, a comida passa a representar, um veículo para manifestar de significados, emoções, visões de mundo, identidades, bem como um modo de transformar, pela resolução de conflitos, realização de mudanças, desistências. A comida da mãe ganha destaque neste contexto, como acontece na experiência de muitos exilados (CHAGAS, 2007).

Como sugerem Amon e Menasche (2008) a comida coloca em relevo seu potencial para abordar temas como tradição, etnia, harmonia, discordância, transitoriedade, identidade. Sobre a questão da memória ativada pela saudade, em específico, Sutton (2001) defende que a memória sobre a comida é uma forma de consciência histórica. Tornando-se assim, a expressão da dualidade cultural e temporal de Satrapi, vinda de sua origem iraniana e suas experiências com culturas diversas no cenário do exílio.

**Imagem 13** - O Cavalo, (p. 9): Sabores do Irã, lembranças através do gosto.



**Fonte:** dados da pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de *Persépolis*, Satrapi nos mostra seu olhar sobre os conflitos que vivenciou. Confundindo-se constantemente com sua obra, ela apresenta um pouco sobre a alimentação nestes cenários de crise.

Quanto ao comestível apresenta um quadro de Insegurança alimentar e nutricional moderado, que pode ser denominado como fome epidêmica. A redução da quantidade de alimentos, todavia, acontecia em um grau que não implicava na inserção de alimentos outrora não comestíveis do ponto de vista cultural; quanto à produção de alimentos, observou-se uma diminuição da produção alimentar no contexto do país e o início da produção em âmbito doméstico e ilegal de bebidas alcoólicas; no terreno do culinário, as transformações tendem a ser mais simples e rápidas, mas o zelo no preparo dos alimentos permanece; no âmbito da partilha percebe-se a manutenção dos ritos de comensalidade no contexto da escassez, mas o comer solitário, fruto da condição de exilada, parece comprometer tanto a sociabilidade como a ritualização alimentar; na questão da temporalidade, some-se ao comer solitário, os dois outros aspectos da condição de exilada: a nostalgia dos alimentos de sua terra e aprendizagem de um novo gosto; em por fim, diferenciações sociais próprias do conflito não foram observadas.

Assim sendo, o universo de Satrapi, trouxe à tona elementos ímpares para o estudo de um *espaço social alimentar*. Suas principais alterações no que diz respeito ao tempo de conflitos, portanto, parecem ser a escassez de alimentos, a ativação de um regime de medo e insegurança que alimenta a inapetência e um aprendizado de uma nova vivência mais solitária e plural durante o exílio.

A obra possui importantes discussões de caráter político sobre questões orientais, vistas pelo Ocidente apenas como “rápidas manchetes” e desprovidas de sua significância. A guerra e, especialmente, a fome mostrada por *Persépolis* são vistas de forma muito mais próxima a nós. Além, é claro, da questão da discriminação de gênero e de etnia.

Os HQs têm o potencial de comunicar suscitando curiosidade e interesse pela leitura. Neste caso, ele abriu portas para o conhecimento de uma narrativa que interconecta cultura, alimentação e conflitos. Acredita-se que esta possa ser não

apenas uma via para realizações de pesquisa que correlacionem a área da Nutrição com as Ciências Sociais e Humanas, com o fim de compreender a condição humana em relação ao fenômeno alimentar. Mas, que também possa atender ao chamado atual que aponta na direção do desenvolvimento de ações de Promoção da alimentação saudável no ambiente escolar. A leitura de HQs como ponto de partida para discussões desta natureza pode auxiliar a reflexão junto a estudantes sobre a alimentação: quem somos quando comemos? o que comemos? o que somos quando não comemos? dentre outras questões.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. **Da Teoria à Prática: Competências de Leitura**. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado (org.). *Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática – conexões*. Eduem. Maringá, 2008.

AMON, D.; MENASCHE, R. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**. Porto Alegre, 2008.

APOLINÁRIO, D. F. R. Persépolis: Desterritorialização e identidades no Irã de Marjane Satrapi. **Revista Litteris**, Rio de Janeiro, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Persona. Lisboa, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1998.

BIELOUS, S. D. As pisadas do exílio através do enredo das narrativas. **Antíteses**. Londrina, 2010.

BURLANDY, L.; COSTA, R. S. Segurança alimentar e nutricional: concepções e desenhos de investigação. In: KAC, G.; SCHIERI, R.; GIGANTE, D. P. **Editora Fiocruz/Atheneu**. Rio de Janeiro, 2007.

CASTRO, J. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

CASTRO, L. A. ; ABDALA, M. C. Televisão no momento das refeições. Uberlândia, Ciências Sociais da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais – UFU. Uberlândia, 2011

CHAGAS, J. Beiral de exílio, saudades e afagos. **Anuário de literatura**. Florianópolis, 2007.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, L. P. A. O caso d'o alienista de Moon e Bá: diagnóstico sobre o gênero graphic novel. **Revista de estudos do discurso**. Viçosa, 2012;

D'AVILA, P. A. **Análise dos princípios do processo de design da pintura de Peter Paul rubens: o caso da obra “o rapto das filhas de leucipo”**. UniRitter Programa de pós-graduação em Design. Porto Alegre, 2012;

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka: para uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2010

DOUGLAS, M. **In the active voice**. New York: Routledge, 1982.

\_\_\_\_\_. M. Pureza y peligro. **Ediciones Nueva Visión**. Buenos Aires, 2002

DOURADO, M. T. G. A história esquecida da guerra do paraguai: fome, doenças e penalidades. USP Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, 2010.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial** [tradução - Luis Carlos Borges]. Martins Fontes. São Paulo, 1989.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **O Estado Da Insegurança Alimentar No mundo**. Roma, 2014.

FISCHLER, C. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Editorial Anagrama, Barcelona, 1995.

FISHER, M. F. K. **Como cozinhar um lobo**. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

FROUD, R.; ABEL G.; USING, R.O.C. Curves to Choose Minimally Important Change Thresholds when Sensitivity and Specificity Are Valued Equally: The

Forgotten Lesson of Pythagoras. Theoretical Considerations and an Example Application of Change in Health Status. **Plos One**. Barcelona, 2014.

GRADA, C. O. Famine: A Short History. **Princeton University Press**. Princeton, 2009.

GUEDES, J. V.; DIAS, L.; SOUSA, R. A Mídia Ocidental e os povos Árabes – uma relação de preconceito e generalizações. In: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. Cuiabá, 2011.

GODLEE F. Thousands starving in Liberia's civil war. **BMY**, Libéria, 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. Tradução de Maria Céleste de Costa e Souza; Almir de Oliveira Aguiar. Papirus. São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Tempo brasileiro. Rio de Janeiro, 2003.

LANGIE, C. Desvendando os quadrinhos. **Revista ORSON**. Pelotas, 2011.

MACIEL, M. E. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

MARIN, M. Cuisine d'orient, cuisine d'occident. **Médiévales**. Année, 1997

MARRA, Laisa. Tradição e transgressão em Persépolis, de Marjane Satrapi. **Nau literária: crítica e teoria de literatura**. Porto Alegre, 2014.

MEDEIROS, M. C. S. Eça de Queiroz e a cozinha burguesa: literatura e alimentação. 2012. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

\_\_\_\_\_. **Marcel Proust para além das madeleines. uma culinária indócil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2014.

COUTO, M. O Fio das Missangas. **Companhia das letras**, 2009.

MONTANARI, M. **O mundo na cozinha: história, identidade e trocas**. Estação da Liberdade SENAC, São Paulo, 2009.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, S. M. Traumas Da Guerra: Traumatização secundária das famílias dos ex-combatentes da guerra colonial com PTSD. **Dissertação (Mestrado em psicologia) Universidade de Lisboa**, Lisboa, 2008.

PELBART, P. P. Images of time in Deleuze; Naked life, dumb life, a life; how to live alone. **Academic Journal**. Edinburgh, 2014.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Vozes, 2003.

PIERUCCI, A. F. Máquina de guerra religiosa: o islã visto por weber. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, 2002.

POULAIN, J. P.; PROENÇA, R. P. C. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, 2003.

PROUST, M. **O tempo redescoberto**. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. Ed. Globo. São Paulo, 2013, p. 254.

RADAEV, V. Impact of a new alcohol policy on homemade alcohol consumption and sales in Russia. **Medical Council on Alcohol and Oxford University Press**. Oxford, 2015.

SATRAPI, M. **Persépolis**. Tradução de Paulo Werneck. Quadrinhos na Cia. São Paulo, 2007.

SILVA, N. M. **Elementos para a análise das histórias em quadrinhos**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Campo Grande, 2001.

SIMMEL, G. Sociologia da refeição. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, 2004.

SUTTON, D. E. Remembrance of repasts: an anthropology of food and memory. **Journal of anthropological research**. New York, 2001.

TAILLARD, C.; PARIS, C. Diversidade de definições e diferenciação das práticas geográficas: contribuição para o debate sobre a cultura. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, 2002;

TEIXEIRA, N. C. R. B.; CORREA, W. E. S. Watchmen e o discurso distópico do "bem maior". **Revista de história e estudos culturais**. Guarapuava, 2009.

VAN GENNEP, A. Os ritos de Passagem. Editora Vozes. Petrópolis, 1977.

YUBERO, I. D. **El hambre y la gastronomía. De la guerra civil a la cartilla de racionamiento**. 2003